

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XVI*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

## INSCRIÇÕES ROMANAS DO MUSEU DO FUNDÃO

Toda a zona do Fundão constitui uma fonte com abundante caudal para a arqueologia portuguesa. Neste concelho foi descoberto o poço da Torre dos Namorados í<sup>1)</sup>, nesta zona encontramos restos de pontes e vias romanas. Também não podemos esquecer a proximidade de Egitânia, que terá dado um certo desenvolvimento a toda a região.

No Museu do Fundão foram reunidos alguns dos objectos encontrados, desde simples tijoleiras até às mais belas inscrições. É sobretudo notável a sua riqueza epigráfica, o que prova a franca romanização da zona.

Pena é que até hoje nenhum investigador se tenha dedicado a um estudo sério sobre a região ou ao menos sobre as peças recolhidas no museu e pena também o grande abandono a que está votado. Não é com certeza por culpa do seu conservador, mas sim das estruturas arqueológicas e museológicas deste país.

A primeira constatação que teremos a fazer é bastante lamentável: a falta de indicação de proveniência das principais peças aí guardadas. Das dezoito inscrições recolhidas não há uma única que tenha essa indicação, que existe, ao invés, nos pequenos objectos. Tentámos (para a elaboração deste trabalho) remediar essa lacuna. Foi de todo impossível: o actual conservador, quando tomou conta do cargo, não encontrou mais do que aquilo que aí está. Não existe qualquer registo de entrada das peças; apenas o antigo conservador poderá saber a sua origem. A essa conclusão nos leva o facto de ele ter publicado três das peças (um marco

1) GUSTAVO MARQUES, *O poço da estação romana da Torre dos Namorados*, «Conimbriga», 8, 1969, p. 65-83.

miliário, um término augustal e a ara a *Bandi Vortaeceo* (2) indicando a sua procedência e condições de achamento. É esse o motivo por que apresentamos apenas a proveniência dessas três peças (e de uma outra que ele apenas cita) e ainda de uma recolhida pelo actual conservador. Não nos foi possível saber a das restantes.

## I

Apenas a forma torna esta árua igual a outras áruas. Com efeito, toda ela constitui originalidade na epigrafia.

Muito bela, de grão granítico finíssimo, tem uma altura de 55, largura de 22 (na base) e 19 (no corpo). O campo epigráfico mede 30,5 x 19 (3).

AE/TIO/CIS/IA/L(ibens) A(nimo) S(olvit).

Ao deus Écio, Císia cumpriu de bom grado (a sua promessa).

Altura das letras: 1. 1: 3,5; 1. 2: 4; 1. 3: 4; 1. 4: 1=4,4, A=4; 1.5: 4; 1.6: 4,2.

Espaços interlineares: 1: 1,3; 2: 1; 3: 1; 4: 0,7-1,3; 5: 1; 6:1; 7: 0,5.

A paginação da inscrição é original, pois não nos consta que tenha aparecido alguma igual a esta. As letras estão dispostas de tal maneira que formam um triângulo com o vértice para baixo.

Todas as letras foram embelezadas pela aposição de uma pequena haste nas suas extremidades.

O nome *Cisia* não está registado na Península Ibérica. Não é conhecida qualquer outra referência ao teónimo aqui venerado. Trata-se decerto de uma divindade indígena com culto apenas regional ou até próprio de uma determinada etnia.

(2) JOSÉ ALVES MONTEIRO, *Ara e cipo miliário inéditos*, «Novidades», 30-VII-1942 e 6-IX-1942. Do mesmo autor, *Término augustal no concelho do Fundão*, Lisboa, 1974 (= TACF).

(3) As medidas serão sempre indicadas em centímetros.

Na inscrição III surge-nos o epíteto *Vortaeceo*, cujo sufixo *aeceo* apresenta com *Aetio* uma semelhança sonora flagrante. Não poderão relacionar-se? É possível que sim. É de assinalar que a terminação *tius* aparece noutros teónimos como *Arentius*, cujo culto está localizado nesta zona. Será talvez uma terminação frequente na Lusitânia central. Esperemos que novos achados venham esclarecer melhor este assunto.

Esta inscrição está inédita e demonstra a adopção das fórmulas consagrantes latinas pelos povos indígenas que as aplicam nas dedicatórias aos seus deuses.

## II

Ara de granito de grão bastante fino, mede 64 de altura e 22 de espessura; a largura varia entre 23 no corpo e 25 no topo. Conserva ainda o sítio do fôculo. Devia ter tido volutas e frontão, hoje completamente desaparecidos.

A inscrição está quase apagada.

IOVI/0[P](timo)/MA[X](imo)/TICES S(olvit).

A Júpiter Ótimo Máximo, Tices cumpriu (a sua promessa).

Altura das letras: 1.1: 6; 1. 2: 6; 1. 3: 4; 1. 4: 4-4,5.

Espaços interlineares: 1: 1,8-2,2; 2: 2,2; 3: 3; 4: 1,5-2; 5:5.

A ara devia estar muitíssimo bem gravada e paginada. Com efeito, é perfeita a gravação das letras que se conservam.

1.2: pelo espaço supomos que devia existir também o *P*.

1.3: há espaço para o *A*, depois do *A*.

O culto a Júpiter Ótimo Máximo está bastante documentado no território português, sobretudo nas áreas militarizadas <sup>(4)</sup>, em que se inscreve a zona egitaniense. Nela aparecem efectivamente

<sup>(4)</sup> JORGE DE ALARCÃO, *Portugal Romano*, Lisboa, 1974 (— PR), p. 159.

diversas aras dedicadas a este deus: Egitânia (6), Monsanto (6) Meimão e Vale da Senhora da Póvoa (7).

O nome *Tices* com a grafia presente não apareceu nunca. No entanto, podemos relacioná-lo com *Tiche* e *Tici*(8). Deve tratar-se de urna indígena (ou de uma escrava ?) que dedicou esta ara a Júpiter por qualquer favor prestado pelo deus.

Está inédita esta inscrição, segundo as informações que temos.

### III

Ara de granito de grão fino, proveniente do Salgueiro, aldeia próxima da Capinha, Fundão.

Tem 88 de altura por urna largura de 57 no soco, 45-48 no corpo e 55 na cornija; espessura de 28 na base e 38 na cornija.

A largura no corpo da ara varia porque está bastante gasta por ter servido como pedra de afiar, do lado esquerdo.

A parte superior é composta por cinco filetes e conserva o fóculo, quadrado.

REBVRVVS / TANGINI (filius) / BANDI VO/RTEAECEO  
V(otum) S(olvit).

Reburro, filho de Tangino, cumpriu o seu voto a Banda Vortaececo.

(5) *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II (— *CIL*), n.ºs 435 e 5132.

(#) *CIL*, II, 459; MARIA M. DE CAMPOS MILHEIRO, *Monsanto — História e Arqueologia*, 1972, p. 68.

(7) PR, p. 211. No Meimão têm sido assinalados outros achados romanos e a própria toponímia conserva a recordação dos tempos idos. Também em terras do Meimão (carreira de tiro de Penamacor) foi encontrado um tesouro de peças romanas. Ver em PR, p. 210-211 um índice das aras consagradas a Júpiter Ótimo Máximo e encontradas em território português.

(8) Estes nomes são de Guisona (Lérida) e Almendralejo, JOSÉ VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, (=ILER), Barcelona, 1971, n.ºs 5428 e 3315. *Tyche* existe também numa ara de Évora, guardada no Seminário Maior dessa cidade.

Altura das letras: de 5,5-6,5.

Espaços interlineares: 1: 1,5-2; 2: 1,5-2; 3: 1,3-2; 4: 1,3-4; 5: 3,5.

Bibliografia: JOSÉ ALVES MONTEIRO, *Ara e Cipo Miliario, Inéditos*, «Novidades», 30-VIII-1942 e 6-IX-1942.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, p. 137-138.

Variantes: 1.2: Monteiro, TANCINI

As letras são bastante imperfeitas. Há *puncti distinguentes* nas linhas 3 e 4 entre o nome do deus e o seu epíteto e entre este e a fórmula final, ao contrário do que supusera José d'Encarnação, que não viu o monumento <sup>(9)</sup>.

Na 1. 1 o S está mesmo no final da linha de tal maneira que se vê mal.

As primeiras letras das linhas 3 e 4, *B* e *R*, respectivamente, foram um pouco afectadas pelo uso a que a pedra esteve submetida.

O culto a Banda está documentado na Península em diversos pontos <sup>(10)</sup>.

Aparece adorado com diversos epítetos que se supõe reflectirem nomes étnicos de *gentes* ou tribos. Também neste caso se deve tratar igualmente de um epíteto — *Vortaeceo* — com origem étnica <sup>(11)</sup>.

Sem dúvida que se trata de uma dedicatória indígena a um deus indígena aqui adorado com o epíteto de *Vortaeceo*, talvez tribal.

Acerca de *Reburrus* e *Tanginus* tecemos considerações mais abaixo <sup>(12)</sup>.

<sup>(9)</sup> *Op. cit.*, p. 138.

<sup>(10)</sup> Cfr. o mapa apresentado por JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, in «Conimbriga», 15, 1976, p. 145. Este mapa, que regista 25 aras, representa o estado actual da investigação relativa ao deus *Banda*.

<sup>(11)</sup> Cfr. a este propósito, MARIA DE LOURDES ALBERTOS, *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, 1975.

<sup>(12)</sup> Infra Inscrições VIII, XI e XV respectivamente.

## IV

Ara de granito, bastante tosca e bastante estragada pelo tempo. O soco não foi trabalhado e a parte superior é constituída por três filetes, tendo o nome do deus inscrito no último.

Tem largura variável: 30 na base, 22 no corpo (deve ter servido como pedra de afiar), e no topo. A espessura varia entre 16 no corpo e 24 na base e no topo.

PAMOI/CAMI/RA BO/VTI F(ília)/V(otum) L(íbens) S(olvit).

Ao deus... *amoi* (?) Camira, filha de Bouto, cumpriu de bom grado (a sua promessa).

Altura das letras: 1.1: c. 2,5, 0=1,5; 1.2: 4,5-5; 1.3:  $A=3,5$ ,  $B=5$ ,  $0=3,5$ ; 1.4: 5; 1.5: 3,  $S=4$ .

Espaços interlineares: 1: 3,5; 2: 10,5; 3: 0,8-2,5; 4: 0,8-2,5; 5: 0,8; 6: 0,6-2,5.

A letra é do tipo cursivo pompeiano. Os AA não têm travessão, assemelham-se a lambdas gregos, *O S* é bastante sobre o comprido, tal como o *M*.

Na 1. 1, ainda no soco, estaria com certeza o nome do deus não decifrável na sua totalidade.

Na 1. 3 o *R* está quase apagado devido ao desgaste sofrido pela pedra. O *B* é bastante comprido e tem a curvatura superior apertada.

Na 1. 4 há a assinalar a grande abertura do *V*. *OF* tem a haste vertical curva e não perfeita.

*Boutus* está assinalado em diversos lugares da Península Ibérica; deve ser um nome hispânico<sup>(13)</sup>.

<sup>(13)</sup> Veja-se *CIL*, II, 744, 620, 5 182, 5 717, - *ILER*, 109, 905, 1 026, 3 497 e ainda *ILER* 425, 2 304, 2 858, 3 905, 5 337, 5 459, 919, 731; E. E. 118; *Fouilles de Conimbriga (=FC)*, II, 179, 151, 78; JURGEN UNTERMANN, *Elementos de un Atlas antroponimico de la Hispania antigua* (— *EAAHA*), Madrid, 1965, p. 72-73.

O nome *Camira*, também hispânico, tem a mesma raiz que *Camalus*, mas sufixo diferente (14).

Enquanto outros achados não vierem trazer luz sobre o presente teónimo, torna-se impossível tecer sobre as suas características quaisquer comentários.

Esta inscrição está inédita.

V

Paralelepípedo granítico com 80,7 de comprimento, 42 de largura e 37 de espessura. O granito cliva-se facilmente.

O campo epigráfico, rodeado por uma moldura, mede 72,7 no comprimento por 36,3 na altura.

AMOENA LOVESI(i) / F(ilia) [ANN]0[RVM] XXVII H(ic) S(ita)/E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) . LOVESIVS TA/NCINVS PATER . F(aciendum) . C(uravit).

Amena, filha de Lovésio, de 27 anos, está aqui sepultada. Que a terra te seja leve. O pai Lovésio Tancino tratou de fazer (este monumento).

Altura das letras: 1.1: 6, I = 6,6; 1. 2: 5,5, I e H = 5; 1. 3: 6; 1. 4: 5.

Espaços interlineares: 1: 1,6-2,6; 2: 1-2; 3: 1,4; 4: 1; 5: 1-2.

1. 1: lemos *Lovesi* e não *Iovesi*, pois deve tratar-se de um *L* mal rasgado.

1. 2: deve conter a palavra *Annorum* e por não estar bem expressa a incluímos em parêntesis recto.

Assinalem-se os pontos a separar algumas palavras.

Amoena é um nome latino que aparece com bastante frequência na Lusitânia e misturado com nomes indígenas (15).

(14) MARIA DE LOURDES ALBERTOS-FIRMAT, *Nuevos antropónimos hispánicos* (= *NAH*), «Emerita», Madrid, 32, 1964 e 33, 1965, p. 235.

(15) *EA AH A*, mapa 7.

O nome *Lovesius* não aparece registado. Aparece *Lovesus* na região luso-galaica <sup>(16)</sup>.

Ao nome *Tancinus* referir-nos-emos na inscrição XI.

Deve tratar-se de indígenas do séc. n da nossa era, com certa influência romana.

Está inédita esta inscrição.

## VI

Em granito da região, de grão fino, é uma das inscrições cuja proveniência conhecemos porque foi referenciada pelo antigo conservador do Museu <sup>(17)</sup>. É proveniente de Alçaria, aldeia de nome árabe, situada a c. de 5 Km do Fundão.

O monumento (104 x 43 x 30) tem uma moldura baixa que delimita um campo epigráfico de 91 por 28,5, no comprimento e na altura.

AVITAE CELSI F(iliae) MATRI ET/SABINAE SABINI  
F(iliae) AVEAE/CLAUDIA MARCEA F(aciendum) C(uravit).

À mãe Avita, filha de Celso e à avó Sabina, filha de Sabino, Cláudia Márcia tratou de fazer (este monumento).

Altura das letras: 1.1: 4-4,3; 1.2: 4; 1.3: 4.

Espaços interlineares: 1: 2,3; 2: 2,5; 3: 2,5; 4: 9.

Bibliografia: JOSÉ ALVES MONTEIRO, *Término Augustal no concelho do Fundão*, 1974, p. 18.

A inscrição está bem paginada e o tamanho das letras é mais ou menos o mesmo, como pode ver-se pelas medidas apresentadas.

Há a assinalar os pontos triangulares a separar as palavras, o que dá uma certa beleza à inscrição.

<sup>(16)</sup> *Idem*, mapa 48.

<sup>(17)</sup> *TACF*, p. 18.

1.1: o nexu *TR* não é muito frequente.

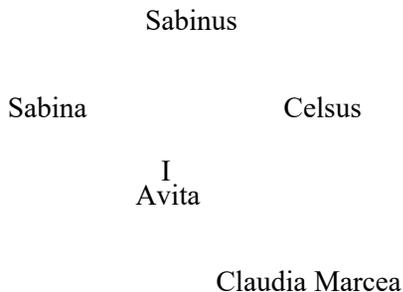
1.2: Lemos *AVEAE*, sem ligarmos importância ao traço oblíquo que corta o *V*, formando como que *W*. Parece-nos que deve ser um erro fortuito e não algo de intencional, ou até uma interpolação posterior.

*Avitus* aparece-nos aqui na forma feminina *Avita*. Referir-mos-emos a este nome na inscrição IX.

*Sabinus* e *Sabina* são nomes cuja origem se prenderá com os Sabinos, povo que tentou opôr-se à expansão romana.

O nome *Claudia* é latino. Já *Marcea* não aparece registado em qualquer lugar. Pensamos que se poderá relacionar com *Mareia*, que aparece frequentemente; será uma variante local.

Embora a forma de identificação seja feita à maneira indígena, no entanto parece-nos que se tratará de cidadãos romanos, pois todos os nomes, como vimos, são de origem latina. Considerados os parentescos indicados, podemos estabelecer o seguinte *stemma*:



Temos assim numa única inscrição a indicação de quatro gerações. Vemos como o pai Sabino transmitiu o seu nome à filha, que se chamou Sabina o mesmo não se verificando em relação aos restantes elementos mencionados.

Pensamos que este monumento deverá datar-se, talvez, dos fins do séc. i ou dos princípios do n.

Esta inscrição foi lida por José Alves Monteiro que não lhe tece qualquer comentário, na obra e local já referenciados.

## VII

Monumento em granito de grão um pouco grosso, cujas dimensões são: 57 de comprimento, 45,5 de altura, por 36 de espessura.

A inscrição está gravada num campo epigráfico de 44 por 32, bordejado por uma moldura dupla que dá beleza ao monumento.

C(aius) ARIVS EBVRI F(ilius)/APILOCVS H(ic) S(itus) E(st)/TITVLLINVS/TITVLLI F(ilius) F(aciendum) C(uravit).

Gaio Ário Apíloco, filho de Éburo, está aqui sepultado. Titulino, filho de Título, tratou de fazer (este monumento).

Altura das letras: 1.1: 5,8-6, 1=3,6; 1.2: 5, 0 = 2; 1.3: 5; 1.4: 5.

Espaços interlineares: 1: 2; 2: 2-2,2; 3: 1,8; 4: 1,6; 5: 5.

A paginação da inscrição é bastante boa, tal como a gravação das letras, em bisel.

Na 1.<sup>a</sup> linha há a assinalar o *I* mais pequeno e o *F* totalmente encostado à moldura.

1.2: 0 0 de *Apilocus* está incluso no *L*.

1.4: 0 *F* de *F(ilius)* está com a haste unida ao ponto que o separa do *F* seguinte.

O defunto aparece-nos identificado com os *tria nomina*, o que só por si nos indica já tratar-se de um cidadão romano. O cognome *Apilocus* não foi registado até hoje nas inscrições romanas da Península ou das três Gálias <sup>(18)</sup>. *Arius* apareceu em Braga (*Pero-selo*), El Coronil (Sevilha) e Tarragona <sup>(19)</sup>. *Titullinus*, a pessoa que mandou fazer o monumento, é identificada através da filiação.

<sup>(18)</sup> Pelo menos não o encontramos nas publicações seguintes: *CIL*, II e Suplemento, *Ephemeris Epigraphica*, Berlim, VIII, 1899 e IX, 1903 (= E.E.), *ILER*, LEVY MARIA JORDÃO, *Portugalliae Inscriptiones Romanas*, Lisboa, 1859 (= Jordão), PIERRE WUILLEMEIER, *Inscriptions Latines des Trois Gaulês*, 1963.

<sup>(19)</sup> *CIL*, II, 1371 = *ILER*, 1107; *ILER*, 5599; *CIL*, II, 6074 (na forma feminina *Aria*).

*Titullinus* não está registado em qualquer das obras indicadas. *Titullus* é já conhecido <sup>(20)</sup>.

O interesse da inscrição residirá sobretudo no contributo dado à linguística peninsular que é enriquecida com novos nomes.

Tratar-se-á de indivíduos celtas? Assim o pensamos, através do nome *Eburus* que pensamos poder relacionar com *Reburus* <sup>(21)</sup> e que é tipicamente celta; *Eburus* apenas apareceu até hoje duas vezes <sup>(22)</sup>.

Vemos nesta inscrição a coexistência de nomes indígenas aliados a nomes romanos, o que é mais um testemunho da forma como a romanização se processou.

Esta inscrição, de um dos primeiros séculos da era cristã, está inédita.

## VIII

A inscrição de Cábrula está gravada num bloco granítico de 145 de comprimento, por 42 de altura e 32 de espessura.

O campo epigráfico é bordejado por uma moldura e está encostado ao lado direito do monumento, medindo 101,5 por 32.

GABRULAE PRISCI [F(ilia)]/MATRI/PRISCA REBURRI  
F(ilia)/ F(aciendum) C(uravit).

À mãe Cábrula, filha de Prisco, Prisca, filha de Reburro, tratou de fazer (este monumento).

Altura das letras: 1.1: 5,5; 1.2: 4,3-4,5; 1.3: 4,3; 1.4: 5.

Espaços interlineares: 1: inexistente; 2: 1; 3: 6,5; 4: 1; 5: 0,5.

A paginação da inscrição está um pouco fora do esquema tradicional. Na 1. 1 apenas existe o nome da defunta e a filiação. Na 1. 2 a relação entre a pessoa que fez o monumento e a defunta.

<sup>(20)</sup> *EA AH A*, Mapa 75, p. 172.

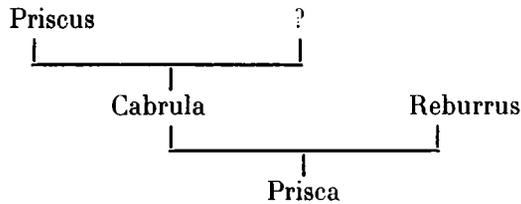
<sup>(21)</sup> *Infra*, inscrição n.º VIII.

<sup>(22)</sup> *ILER*, 2727 e 5120.

A 1. 3 dá-nos a filiação da construtora do monumento e o seu nome. Finalmente na última 1. apenas o FC.

Na transcrição incluímos entre parêntesis recto o *F* de *Filia*. Com efeito, e por analogia com a 1. 3 e porque existe o espaço suficiente para ele, é natural que lá tenha estado. Há a assinalar ainda na 1. 1 o ponto triangular a separar as palavras e na 1. 3 um ponto normal. Nesta 1. há ainda um *O*, no extremo da 1., que nos parece uma interpolação.

Partindo dos nomes e dos parentescos indicados pela inscrição poderemos estabelecer o seguinte *stemma*:



Deverá tratar-se de indígenas, pois apenas são identificados com um nome.

O nome da defunta, *Cabrula*, não está registado até hoje. Deve tratar-se de um nome indígena.

O nome *Priscus*, tal como a forma feminina *Prisca*, é um nome tipicamente romano.

Já o nome *Reburrus* é um nome celta, que nesta língua significa «calvo» <sup>(23)</sup>. Apareceu até hoje doze vezes na Península Ibérica <sup>(24)</sup>, sendo quatro em Idanha-a-Velha, povoação próxima do Fundão <sup>(25)</sup>.

Esta inscrição está inédita.

<sup>(23)</sup> D. FERNANDO DE ALMEIDA, *Egitânia-História e Arqueologia*, Lisboa, 1956, (= *Egitânia*), p. 132.

<sup>(24)</sup> Cfr. *CIL*, II, 448, 2803, 881, 922, 5353, 591; *ILEB*, 4838, 5485, 6183, 3977, 131, 4050, 4713, 4850, 2619, 2310; *E. E.* 126, 292.

<sup>(25)</sup> Cfr. *Egitânia*, 97, 114, 115 e 137.

## IX

Bloco granítico de grão bastante grosso e aspecto tosco, com 98 de comprimento, 43 de altura e 46 de espessura. Apenas a face foi preparada para receber a inscrição constituindo, portanto, o campo epigráfico.

O ângulo superior direito está esfacelado o que leva o *B* da l.<sup>a</sup> 1. a ficar um pouco destruído.

EPHEBO AVITI LIB(erto)/CAESIA LIB(erta) FEC(it)/EX TEST(amento) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis).

A Efebo, liberto de Avito, a liberta Césia fez (este monumento), por disposição testamentária. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: 1. 1: 6-6,4; 1.2: 6-6,4; 1.3: 6.

Espaços interlineares: 1: c. 6; 2: 5; 3: 4,5-5; 4: 9.

Há a considerar na l. 1 o esfacelamento do *B*, já referido.

A gravação e a paginação são bastante boas em contraste com o aspecto tosco do monumento.

A separação das palavras faz-se por sinais em forma de vírgulas.

O nome *Ephebus*, provavelmente de origem grega, está mencionado no *CIL* II, duas vezes (26), em Tarragona e Cartagena, como marca de oleiro. Será pois a primeira vez que aparece numa inscrição funerária da Península e como nome próprio.

O nome *Aviuis* é provavelmente latino, mas «pode coincidir com outro nome indígena» (27); é muito frequente em inscrições peninsulares.

O radical de *Caesia* «está atestado em toda a Península» (28).

Trata-se de libertos que acentuam a sua condição na inscrição, sendo de presumir que Césia tenha sido libertada por Efebo devido a uma disposição testamentária que envolveria a obrigação de lhe erigir um monumento.

Está inédita.

(26) *CIL*, II, 4970<sup>172</sup> e 6 2 5 7 <sup>75</sup>, respectivamente.

(27) *NAH*, p. 227.

(■•) *NAH*, p. 234.

## X

A inscrição está bastante apagada, o que não permite uma leitura total, nomeadamente nas ll. 3 e 4. Esse estado de decomposição deve-se ao granito em que está gravada ser facilmente sujeito à erosão, embora tenha um grão bastante fino.

O monumento mede 82 no comprimento, 41 na altura e 22,5 na espessura.

O campo epigráfico, de 58,5 por 29 está rodeado de uma moldura em meia-cana.

FLACCINO-FLACCI/F(ilio) A(nnorum) XXXV FRATER AVI/TIANVS ET FIRMINA/VXSOR F.C.

A Flacino, filho de Flaco, de 35 anos, o irmão Aviciano e a mulher Firmina (trataram de fazer este monumento).

Altura das letras: 1.1: 4,5; 1.2: 4; 1.3: 4; 1.4: 2,5-3.

Espaços interlineares: 1: inexistente; 2: c. 0,9; 3: c. 0,9; 4: c. 0,9; 5: 10,5.

Na l. 2 há a assinalar a idade do defunto que vem abreviada apenas com um A, enquanto o grau de parentesco das pessoas que fizeram o monumento vem indicado por extenso.

O nome *Flaccinus*, derivado de *Flaccus* aparece frequentemente.

*Avitianus* tem a sua origem no nome *Avitus*, a que se acrescentou o sufixo *amus*, muito frequente nos nomes latinos.

*Firmina* é um nome latino bastante frequente <sup>(29)</sup>.

Está inédita.

## XI

Trata-se de um belo monumento epigráfico com 103 de comprimento, por 43 de altura e 40,5 de espessura.

É em granito de grão bastante fino, proveniente da região.

(29) Ver, por ex. *CIL*, II 509, 1494, 1691, 2888, 5460.

A inscrição, de belos caracteres, está integrada numa moldura dupla esculpida na pedra. O campo epigráfico mede 88 de comprimento e 28 de altura.

HISPANVS TANGINIF(ilius) MEI/DVBRIGENSIS ANN-  
(orum) L H(ic) S(itus) E(st)/CESSEA CELTI F(ilia) SOROR  
OB MERITA F(aciendum) C(uravit).

Hispano Meidubrigense, filho de Tangino, de 50 anos de idade, está aqui sepultado. A irmã, Céssia( = Césia?), filha de Celto, mandou fazer (este monumento) pelos seus méritos.

Altura das letras: 1.1: 6,T=6,9, F = 7,1; 1. 2: 5,1; 1. 3: 4,T=5,1 e 5, 0=1,5, 1 = 2,7.

Espaços interlineares: 1: 0,5-1,8; 2: 2; 3: 0,5-2; 4: 8,4.

Os caracteres são belos e a gravação perfeita. Os próprios *T* elevados sobre as outras letras em toda a inscrição permitem um melhor aproveitamento do espaço e dão beleza à disposição das letras.

1.1: há a assinalar o nexa I e F, que parece bastante raro;

1.3: assinalem-se as pequenas letras: o segundo *O* de *Soror* e o *I* de *Merita*.

Os nomes desta inscrição são todos hispânicos, não latinos. O do defunto, *Hispanus Meidubrigensis* tem origem geográfica. *Hispanus* será derivado de Hispânia, a província romana, e *Meidubrigensis* tem a sua origem num povo que habitava numa zona da Beira Alta, já perto do Douro, ao que se pensa. A capital deste povo, que nos aparece também citado na ponte de Alcântara <sup>(30)</sup>, seria *Meidubriga*, de onde Hispano, ou um seu antepassado seriam naturais. Tem-se pretendido fazer corresponder esta cidade ao actual castro de Ranhados, no concelho da Meda <sup>(31)</sup>. Este nome aparece também numa inscrição da Benespera (Belmonte) <sup>(32)</sup>.

<sup>(30)</sup> *CIL*, II, 760.

<sup>(31)</sup> *PR*, p. 100.

<sup>(32)</sup> *CIL*, II, 458 = *ILER*, 5366.

O nome *Tanginus*, pai de Hispano, aparece sobretudo na Lusitânia. Aqui apresenta-nos a sua forma normal, *Tanginus*, embora, por exemplo, na inscrição V, nos surja com a consoante sonora c<sup>(33)</sup>.

*Cessea*, o nome da irmã do defunto e autora do monumento, deve ser urna variante de *Cesia*<sup>(M)</sup>.

Há a assinalar que embora *Cessea* seja irmã de *Hispanus*, no entanto não aparecem com o mesmo pai. *Cessea* é filha de Celto, nome tipicamente celta. Para a aparente anomalia de dois pais diferentes apenas poderemos pôr a hipótese de *Celtus* aparecer como cognome e não como nome, ou então tratar-se-à de filhos de pais diferentes mas da mesma mãe.

Serão indígenas, com origem meidubrigense, embora demonstrem já uma certa influência romana como se depreende do facto de o defunto vir assinalado com o *nomen* e o *cognomen* (de origem geográfica).

Este monumento será do séc. n d.C. e está inédito.

## XII

Bloco granítico, cuja face foi preparada para a gravação da inscrição. A sua forma dá a impressão de servir para encostar a um ângulo formado por duas paredes. O monumento mede 61 de altura e 58 de largura.

LUBAECVS/APANONI/T HSE-.

Lubeco, filho de Apanono, está aqui sepultado.

Altura das letras: 1. 1: 7,5; 1. 2: 8; 1. 3: T=6, H=-8, S e E—9.

Espaços interlineares: 1: 26; 2: 1; 3: 0,5-2; 4: 7,5-10.

1. 3: pensamos que o 7<sup>1</sup>, que se lê sem qualquer margem para dúvidas, deveria ser um <sup>^</sup>(ilius) e só por engano se compreende.

<sup>188)</sup> *EAAHA*, mapa n.º 74.

<sup>84)</sup> *NAH*, p. 239.

O nome *Lubaecus* está apenas registado na região central da Lusitânia: duas vezes junto de Cáceres<sup>(35)</sup>, e uma na vizinha Egitânia<sup>(36)</sup>. Esta é pois mais uma confirmação de que se encontra circunscrito à Lusitânia central.

*Apanonus* aparece agora pela primeira vez. Talvez possamos relacioná-lo com o nome *Apaña* já registado na Península. O radical é, com efeito, o mesmo, a que se teria acrescentado o sufixo *onus*. É mais um nome a enriquecer a onomástica indígena peninsular.

Está inédita.

### XIII

Monumento funerário dedicado a duas pessoas diferentes.

É em granito de grão bastante fino e mede 109 de comprimento e 42 de altura. O campo epigráfico, bordejado por uma moldura dupla, mede 81 no comprimento e 29 na altura.

MAELONI TONGI(i) F(ilio) ARAN/TONIO TALABI F(ilio)  
TONGIVS/MELONIS F(ilius) PATRI TALABVS F(ilio)

A Melão, filho de Tôngio e a Arantónio, filho de Talabo; Tôngio, filho de Melão ao pai e Talabo ao filho (dedicaram este monumento).

Altura das letras: 1. 1: 5,6, T = 6,6; 1. 2: 6; 1. 3: 5,5.

Espaços interlineares: 1: 0,5-2,5; 2: 2,5; 3: 1-2; 4: 3.

1. 1: assinale-se o  $\bar{i}$ T, mais elevado que as outras letras, tal como na 1. 2. Ainda na 1. 2 assinale-se o / de *Tongius* incluso no *G*.

1. 3: o nome *Maelo* aparece apenas com o *E*, sem ditongo. O nexa *TR* é pouco frequente.

*Maelo* é bastante frequente na Lusitânia, fora da qual não foi encontrado. Deve tratar-se de um nome lusitano, embora coincidindo com um gentílico romano<sup>(37)</sup>.

<sup>(35)</sup> Ibahernando e Torre de Santa Maria, *ILER*, 3638 e 6214.

<sup>(36)</sup> *ILER* 6454 = *Egitânia* 99.

<sup>(37)</sup> *NAH*, p. 110 e também *EAAHA*, mapa 52.

O nome *Tongius* deve igualmente ser um nome tipicamente lusitano, aparecendo na vizinha Egitânia com a consoante sonora *c*<sup>(38)</sup>. Deve ter a raiz céltica *Tong* em que entra a ideia de juramento<sup>(39)</sup>.

O nome *Arantonius* está registado cinco vezes na Península e curiosamente todas elas em Egitânia<sup>(40)</sup>. Na Capinha está registado *Arantoni*<sup>(41)</sup>. É um nome unicamente testemunhado em território da antiga Lusitânia central<sup>(42)</sup>. É pois mais um achado a confirmar a regionalização deste nome. Deve tratar-se de um nome regional, indígena e apenas circunscrito à região militar da Egitânia.

O nome *Talabus* está apenas testemunhado em Coria í<sup>(43)</sup>. É pois um nome que aparece pela segunda vez na epigrafia romana peninsular.

Não são muito frequentes os monumentos funerários paralelipédicos dedicados a duas pessoas diferentes, dedicatórias sem qualquer separação.

De notar a identificação de todas as pessoas mencionadas, defuntos e dedicantes, que é feita indicando-se apenas a filiação, o que nos demonstra tratar-se de indígenas. Isso mesmo nos é confirmado pela origem dos nomes.

O primeiro dedicante *Tongius* tirou o nome do avô paterno, como nós vemos através do seguinte *stemma*:

Tongius  
|  
Maelo  
|  
Tongius

<sup>(38)</sup> *NAH*, p. 129.

<sup>(39)</sup> J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, vol. II, Lisboa, 1905, p. 297.

<sup>(40)</sup> *ILER*, 3614 = Egitânia, 53; 3967 = 65; 4550 = 52; 2082 = 1.

<sup>(41)</sup> *CIL*, II, 453.

<sup>(42)</sup> *NAH*, nova série, *Emerita*, XL, Madrid, 1972, p. 222, e do mesmo autor «La antroponimia prerromana en la Península Ibérica», *Actas del Coloquio sobre Lenguas e Culturas prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, 1976.

<sup>(43)</sup> *NAH*, nova série, p. 312.

*Arantionius* é filho de *Talabus* sendo o pai quem dedica o monumento.

Deverá tratar-se do séc. n da nossa era e está inédito este monumento.

## XIV

Trata-se da única ara funerária guardada no Museu. É em granito de grão fino. A ara seria para enfiar em dois suportes, pois tem as ranhuras que deviam servir para o efeito. Conserva-se ainda o fôculo circular, para as libações.

Tem a decorar o campo epigráfico uma moldura dupla.

Quase cúbica mede 57 de comprimento por 44 de altura e 58 de espessura.

NEPOS/ARCONIS F(ilius)/H(ic) S(itus) E(st)/S(it) T(ibi)  
T(erra) L(evis).

Nepos, filho de Arção, está aqui sepultado. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: 1. 1: 6,6; 1. 2: 4,5-5; 1.3: 4,5; 1.4: 4.

Espaços interlineares: 1: não existe; 2: 2-2,5; 3: 1,5; 4: 1; 5: 3-3,5.

A gravação é perfeita e não oferece quaisquer dificuldades de leitura.

Assinalem-se nas linhas 2, 3 e 4 os pontos distinguentes redondos.

O nome do defunto, *Nepos* está registado em diversos locais da Península e deve ser latino í<sup>44</sup>), embora — dada a filiação — possa no caso presente ser utilizado por um indivíduo de origem não-latina.

H *CIL*, II 1932, 2318, 1226, 2958, 4610, 5796, 6025, 2636, 6338, 6322, 1126, 2963.

*Arco* (nominativo de *Arconis*) está assinalado írregulares vezes (45).

Note-se a ausência de qualquer dedicatória aos deuses Manes, conquanto as fórmulas finais estejam indicadas como é hábito.

Está inédita.

## XV

Esta inscrição está gravada num bloco de pedra mal aparelhado, apenas com a face preparada para a receber. O bloco, granítico, irregular, mede 58 de comprimento, 25 de altura e 18,2 de espessura.

O campo epigráfico não se distingue.

TAPORA/TANGINI/F(ilia) H(ic) S(ita) E(st).

Tapora, filha de Tangino, está aqui sepultada.

Altura das letras: 1.1: 6; 1.2: 5,2-5,5; 1.3: 6.

Espaços interlineares: 1: c. 3; 2: c. 0,5; 3: 0,5.

O aspecto tosco do monumento reflecte-se igualmente na gravação da inscrição.

1.2: o último / está mesmo encostado ao fim do bloco, o que reflecte fractura ou má concepção inicial do monumento.

1.3: há a assinalar os *puncti distinguentes*, mesmo depois do 1?, o que não se justificaria.

O nome *Tapora* parece ser de origem étnica. Plínio fala dos *Tapori* como sendo um povo, cuja localização até hoje não conseguiu fazer-se. Russell Cortez situa-o na vertente leste da Serra da Gardunha (46).

(« *ILER*, 4476, 2342, 906, 2359, 3333, 3661, 4845, 6342, 2329, 2369, 2686, 2721, 3222, 3661, 3902.

(46) F. RUSSEL CORTEZ, *Os Tapori de Plínio — Subsídios para a sua localização*, «Zephyrus», 3, 1952 (= TP), p. 175-178.

O nome foi assinalado apenas em Salamanca <sup>(47)</sup>, Mérida <sup>(48)</sup>, Idanha-a-Velha <sup>(49)</sup>, Marvão <sup>(50)</sup>, Viseu <sup>(51)</sup>, Capinha <sup>(52)</sup>, e algures na Lusitânia <sup>(53)</sup>, Conimbriga <sup>(54 55)</sup>, e Mileu (Guarda) (“J. A sua distribuição geográfica confina-se a uma região restrita, pelo que deve tratar-se de um nome em uso essencialmente na Lusitânia.

O nome *Tanginus* é um «nome tipicamente lusitano, pois os que se encontram fora dessa região são poucos» <sup>(56)</sup>.

O monumento deve datar de uma época bastante recuada do período romano, talvez do séc. I da era cristã.

Esta inscrição está inédita.

## XVI

O marco miliário guardado no Museu foi encontrado na aldeia de Salgueiro.

É em granito grosseiro mede 83 de altura e tem um diâmetro de 43 na base e 37 no topo.

VALERIO/LICINIANO/LICINIO/IUNIORI

A Valério Liciniano Licinio Júnior...

Altura das letras: 5-5,5.

Bibliografia: JOSÉ ALVES MONTEIRO, *Ara e Cipo Miliário Inéditos*.

<sup>(47)</sup> *CIL*, II, 881 = *ILER* 3977.

<sup>(48)</sup> *CIL*, II, 520, 521 = *ILER* 3667, 3670 e também 2744.

<sup>(49)</sup> *ILER*, 6091.

<sup>(50)</sup> *CIL*, II, 520 = *ILER*, 932. Aqui aparece como teónimo, talvez do nome do deus protector deste povo.

<sup>(51)</sup> *CIL*, II, 408 = *ILER*, 3905.

H *CIL*, II, 453.

H *CIL*, II, 950 = *ILER*, 5361.

H *FC*, II, 1976, n.ºs 67 e 68.

<sup>(55)</sup> *Tp* e também A. VASCO RODRIGUES, *A propósito de uma lápide do Mileu (Guarda)*, «Humanitas», Coimbra, 9-10, 1957-1958, p. 96-99.

<sup>(6«)</sup> *NAH*, p. 127. Já encontramos este nome na inscrição III, V e XI.

Apenas conseguem ler-se quatro linhas das que constituíam a inscrição, pois o granito deteriorou-se completamente.

Na 1. 1 a parte superior do *E* e do *R* não estão já insculpidos na pedra.

As restantes linhas estão perfeitas.

Trata-se do filho do imperador Licínio, que reinou de 317 a 326 e foi César no dia 1 de Março de 317. O marco datará de entre 317 e 326.

O maior interesse do miliário seria a indicação das milhas até à povoação, *mansio* ou ponte mais próxima. Ora é precisamente essa a parte que falta. Não podemos no entanto duvidar da sua integração numa via regional. São muitos os troços de vias ainda existentes, as pontes e a própria toponímia atestam a passagem dessas vias (Alcongosta, Corredoura...). A romanização e militarização muito intensas levavam à construção de uma boa rede viária. Perto do Fundão passava a grande via Emerita — Bracara Augusta. Ainda hoje, para ir da Meimoa para a Benquerença, é necessário atravessar uma ponte que, a não ser romana na sua totalidade, deve pelo menos estar assente sobre fundamentos romanos.

Coligindo as informações que obtivemos com outros marcos miliários estamos convictos que o marco do Salgueiro faria parte de uma via que vindo do Telhado (onde se têm encontrado imensos restos romanos, sobretudo no sítio da Carantonha), passaria por Peroviseu (onde troços de vias e a ponte de Moinhos parece atestarem a passagem), provavelmente a Capinha (Talabara romana), Salgueiro, Benquerença, indo entroncar na grande via imperial já referida que vinha de Emérita, mais ou menos no sítio onde actualmente se cruzam as estradas de Sabugal a Castelo Branco e o ramal para a Benquerença (Cfr. Mapa anexo).

É sem dúvida alguma a identificação das vias a maior importância de um marco miliário.

XVII

Foi encontrado pelo actual conservador do Museu, na vizinha aldeia das Quintas da Torre, um miliário servindo de protecção a uma esquina, como ele próprio nos referiu.

Trata-se de um marco miliário granítico, mutilado, com apenas 55 de altura e 31 de diâmetro.

Apresenta um escavado, felizmente na parte posterior, o que não estragou as letras gravadas na outra face.

CAES(ar)/MASVMI/NVS  
César Maximino.

Altura das letras: c. de 9.

Devia fazer parte de uma via que ligaria à via de Emérita a Bracara.

De notar a forma *Masuminus*, com S e F, que não é usual.

Deve tratar-se de um marco miliário bastante tardio. Ou se trata do próprio Maximino que reinou entre 235 e 238 ou do imperador Maximino Daia que reinou de 305 a 313 e foi César no dia 1 de Maio do ano 305.

Inédito.

Apresentamos duas fotografias desta inscrição.

XVIII

Proveniente de Peroviseu encontra-se guardado no Museu um marco demarcatório de povos, único guardado em museus portugueses.

É em granito e mede 141 cm. de comprimento, 46 de altura e 21 de espessura.

Estava a servir de apoio a uma janela da casa paroquial de Peroviseu, de onde foi retirado pelo antigo conservador do Museu.

IMP(erator) CAESAR AUG(ustus) PONTIFEX/MAX(imus)  
TRIB(unitia) POTEST(ate) XXIII CO(n)S(ul) XIII/PATER  
PATRIAE TERMINUS AUGUSTĀLIS/INTER LANCIENSES

ET IGAEDITANOS. ESTE LETREIRO ESTAVA FEITO NO ANNO.

Imperador César Augusto, Pontífice Máximo, com o poder tribunicio pela 27.<sup>a</sup> vez, cônsul pela 13.<sup>a</sup>, Pai da Pátria. Termo augustal entre os Lancienses e os Igeditanos.

Altura das letras: 1.1: 7,5; 1.2: 6,5; 1.3: 5,5; 1.4: 5,5-6.

Espaços interlineares: 1: 4; 2: 3-3,5; 3: c. 3; 4: 2,5-3; 5: 8.

Bibliografia: JOSÉ ALVES MONTEIRO, *^Término Augustal no concelho do Fundão*, 1974.

Idem, *Término de Peroviseu na Lusitânia Romana* in «Conimbriga», XIII, 1974, pp. 57-61.

ALARCÃO, JORGE e ÉTIENNE, ROBERT, *Le Portugal a Vépoque augustéenne*, «Symposion de Ciudades Augusteas», Saragoça, 1976, p. 171-185.

1. 1: assinale-se o f e o £ que têm as hastes superiores unidas, tal como o X da 1. 2.

1. 3: assinale-se o anexo AL e a palavra *Patriae*.

A 1. 5 é uma linha que foi interpolada na inscrição augustal. Talvez o seu autor nos quisesse dar a data em que a pedra foi copiada e por conseguinte o «letreiro estava feito». Isso mesmo acontece noutras inscrições romanas, como na que está sobre a verga da porta da igreja da Bobadela (<sup>57</sup>).

A importância deste marco é muito grande para o conhecimento da história romana peninsular. Por ele são delimitados os Lancienses e os Egitanenses.

Um outro marco conhecido por marco de S. Salvador delimita os mesmos povos (<sup>68</sup>). Neste são citados os *Lancienses Oppidani* enquanto no marco de Peroviseu são citados apenas os *Lancienses*.

(<sup>57</sup>) A. NOGUEIRA GONÇALVES, *Inventário Artístico do Distrito de Coimbra*, Lisboa, 1953, p. 165.

(<sup>68</sup>) Infelizmente este marco perdeu-se. Foi encontrado na aldeia de S. Salvador e dele nos dão notícia diversos autores. Ver a obra já citada de Jorge Alarcão e Robert Étienne, p. 176.

Seria uma divisória comum aos dois povos, *Lancienses Oppidani* e *Transcudani* ou seria apenas a um deles? A capital dos primeiros chamar-se-ia *Lancia Oppidana* que não está localizada e que Jordão supõe em Alfaiates <sup>(59)</sup>.

Este marco deve ser do ano 4, considerando os atributos de Augusto, sendo o de S. Salvador da mesma época.

As anomalias verificadas num texto tão pequeno e já assinaladas não podem ser fruto do acaso e também não serão mera «influência do alfabeto cursivo» ou da «imperícia dos gravadores» <sup>(60)</sup>. É de assinalar ainda o *ductus* perfeitamente idêntico em toda a inscrição, mesmo na linha interpolada, o que não se compreenderá a tratar-se de obra feita em momentos diferentes. Trata-se, pois, de uma cópia da inscrição original feita posteriormente e transmitida como o copiadador a leu: «este letreiro estava feito no anno».

J. Alarcão e R. Étienne põem a hipótese de este marco ser o mesmo que apareceu em S. Salvador e do qual Docampo e Morales deram leituras não coincidentes, transcritas por Hübner. Podemos efectivamente admitir que tenha existido um único original, do qual o marco de Peroviseu seria uma terceira leitura.

Assim o conjunto epigráfico do Museu do Fundão reveste-se do maior interesse para o estudo da ocupação romana da Península.

Os nomes registados nas epígrafes — a maioria deles apenas documentados na Península Ibérica e alguns aqui pela primeira vez — assumem capital importância no respeitante à antroponímia.

E tanto os miliários como o *terminus augustalis* nos facultam relevantes informações acerca da rede viária e da organização administrativa das Beiras ao tempo dos romanos <sup>(61)</sup>.

JOÃO LUÍS VAZ

<sup>(59)</sup> Sobre esta aldeia cuja existência romana parece irrefutável ver o nosso trabalho *Alfaiates — sua História e sua Gente*, «Beira Alta», 33 (3), 1975, p. 295-319.

(fl<sup>o</sup>) *TACF*, p. 13-14.

<sup>(61)</sup> Agradecemos ao Sr. P. Morão todas as facilidades concedidas e todas as informações prestadas para a elaboração deste trabalho. Igualmente agradecemos ao nosso mestre e amigo Dr. José d'Encarnação a preciosa colaboração e incentivo que nos prestou e que tornaram possível este trabalho.

## ÍNDICES

(Os números referem-se às inscrições)

### A — ONOMÁSTICO

Amoena — V	Flaccinus — X
Apanonus — XII	Flaccus — X
Apilocus — VII	Hispanus — XI
Arantionius — XIII	Lovesius — V
Arco — XIV	Lubaecus — XII
Arius — VII	Macio — XIII
Avita — VI	Marcea — VI
Avitianus — X	Meidubrigensis — XI
Avitus — IX	Nepos — XIV
Boutus — IV	Prisca — VIII
Cabrula — VIII	Priscus — VIII
Caesia — IX	Reburrus — III, VIII
Caius — VII	Sabina — VI
Camira — IV	Sabinus — VI
Cessea — XI	Talabus — XIII
Celsus — VI	Tanginus — III, V, XI, XV
Celtus — XI	Tapora — XV
Cisia — I	Tices — II
Claudia — VI	Titullinus — VII
Eburus — VII	Titullus — VII
Ephebus — IX	Tongius — XIII
Firmina — X	

B — TEÓNIMOS

Aetius — I  
Bandi Vortaececo — III  
Iovi Optimo Maximo — II  
?amoi — IV

C — IMPERADORES

Augusto — XVI] I  
Licinio — XVI  
Maximino — XVIII

D — POVOS

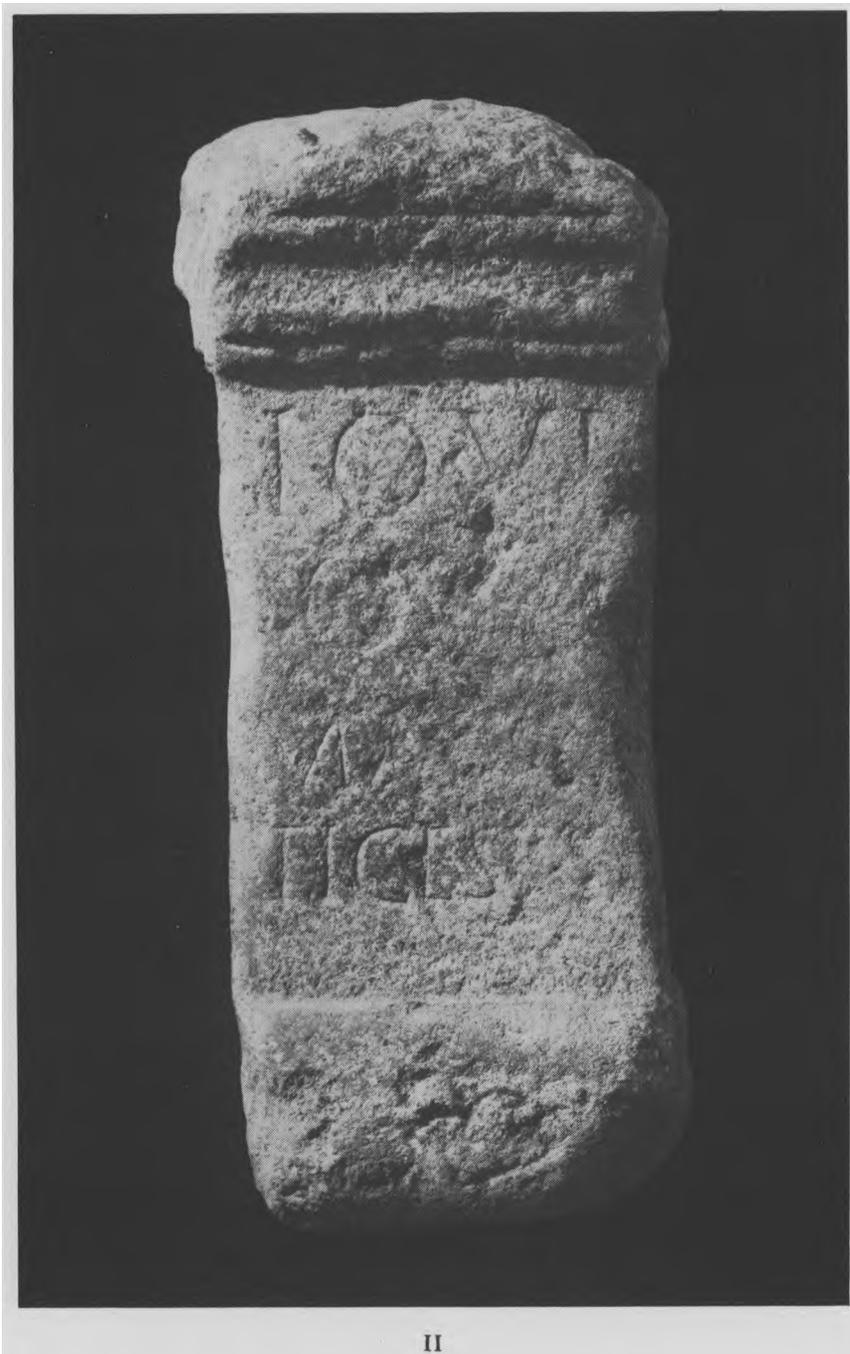
Igaeditanos — XVIII  
Lancienses — XVIII

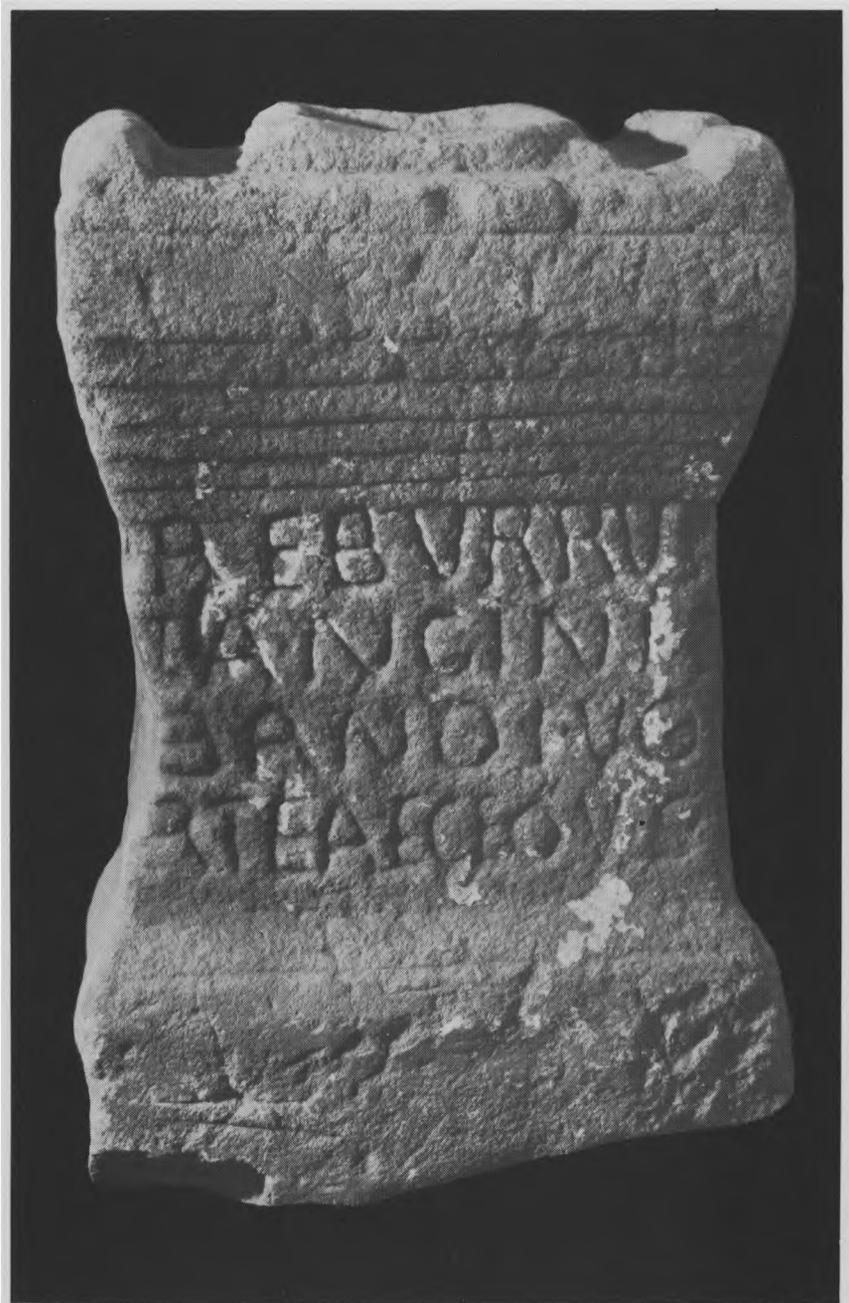
E — NATUREZA DAS INSCRIÇÕES

Funerárias — V a XV  
Marcos Miliários — XVI, XVII  
Marco delimitatório — XVIII  
Votivas — I a IV

(Página deixada propositadamente em branco)

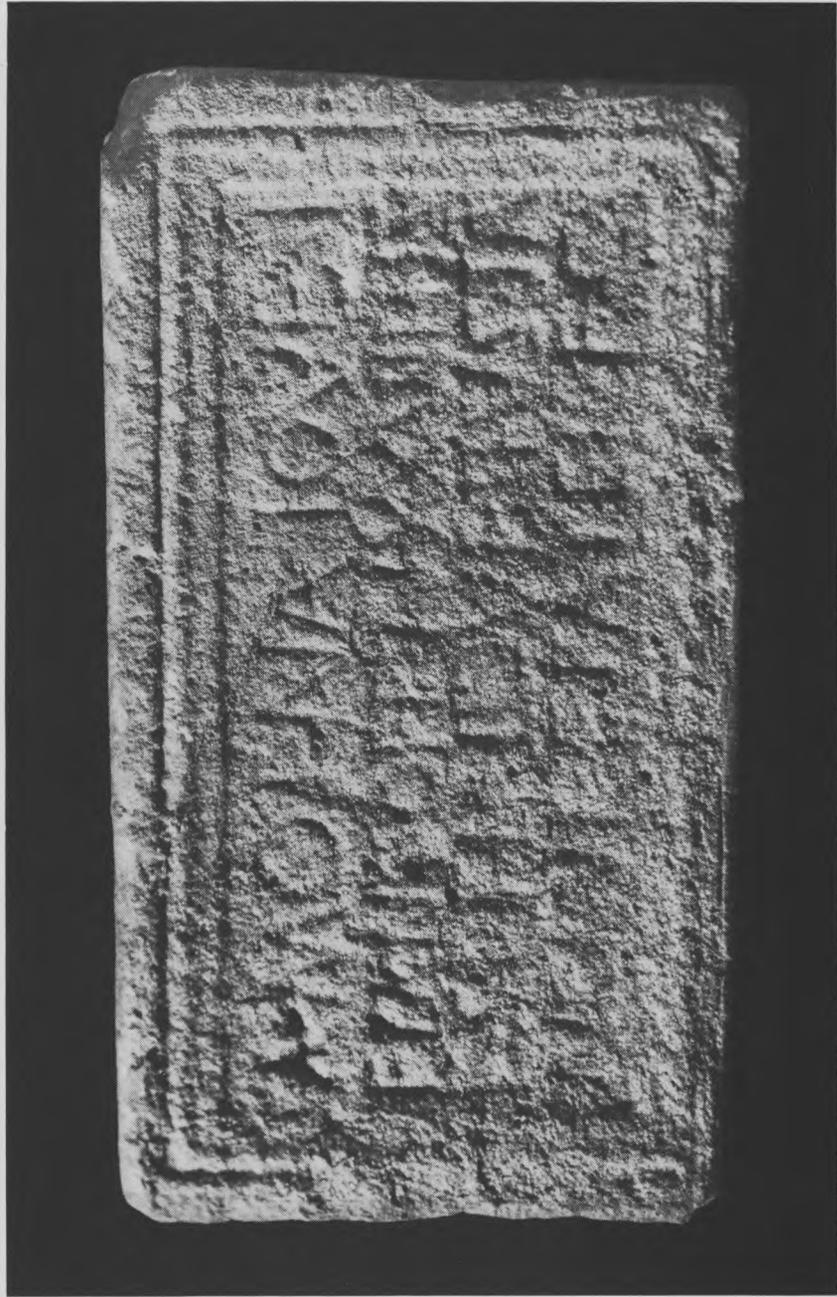


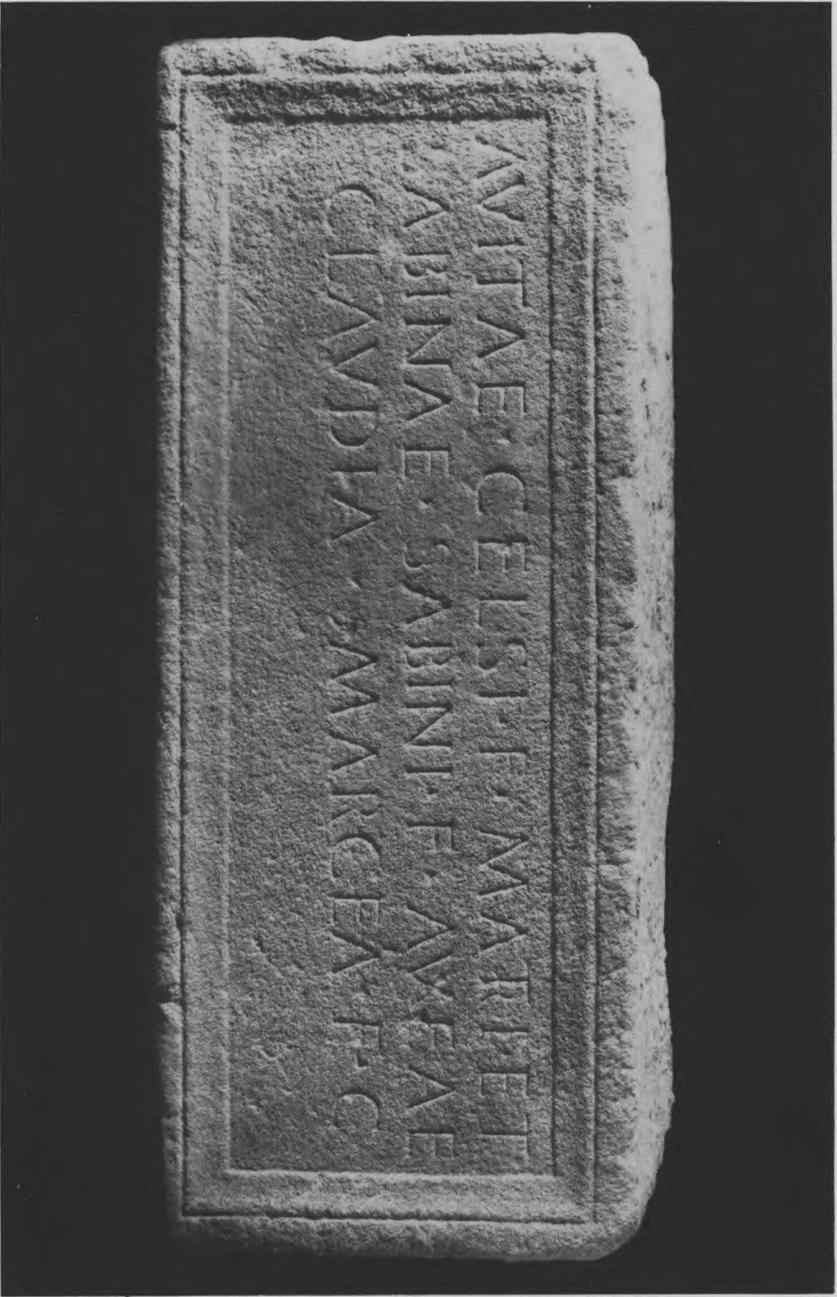


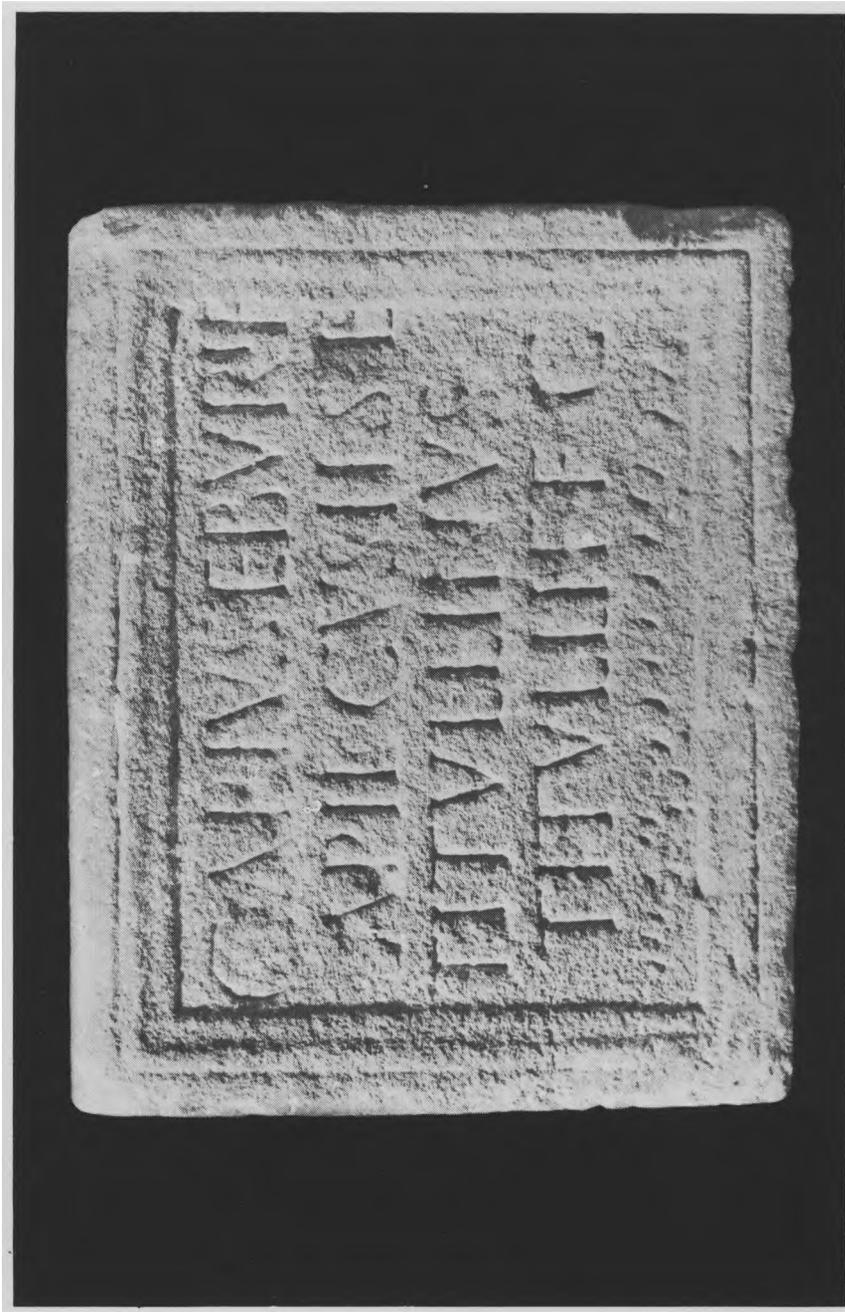




IV

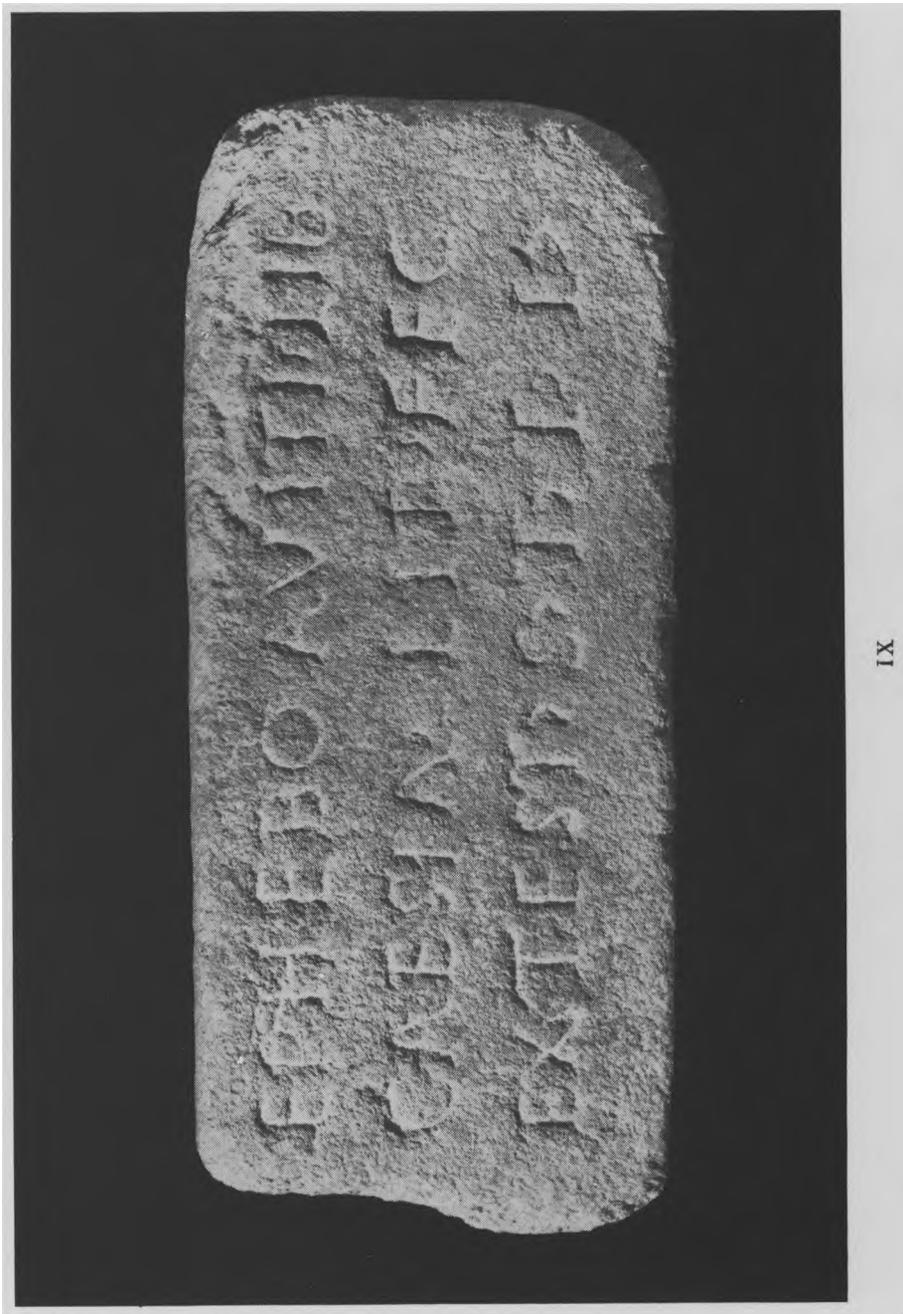






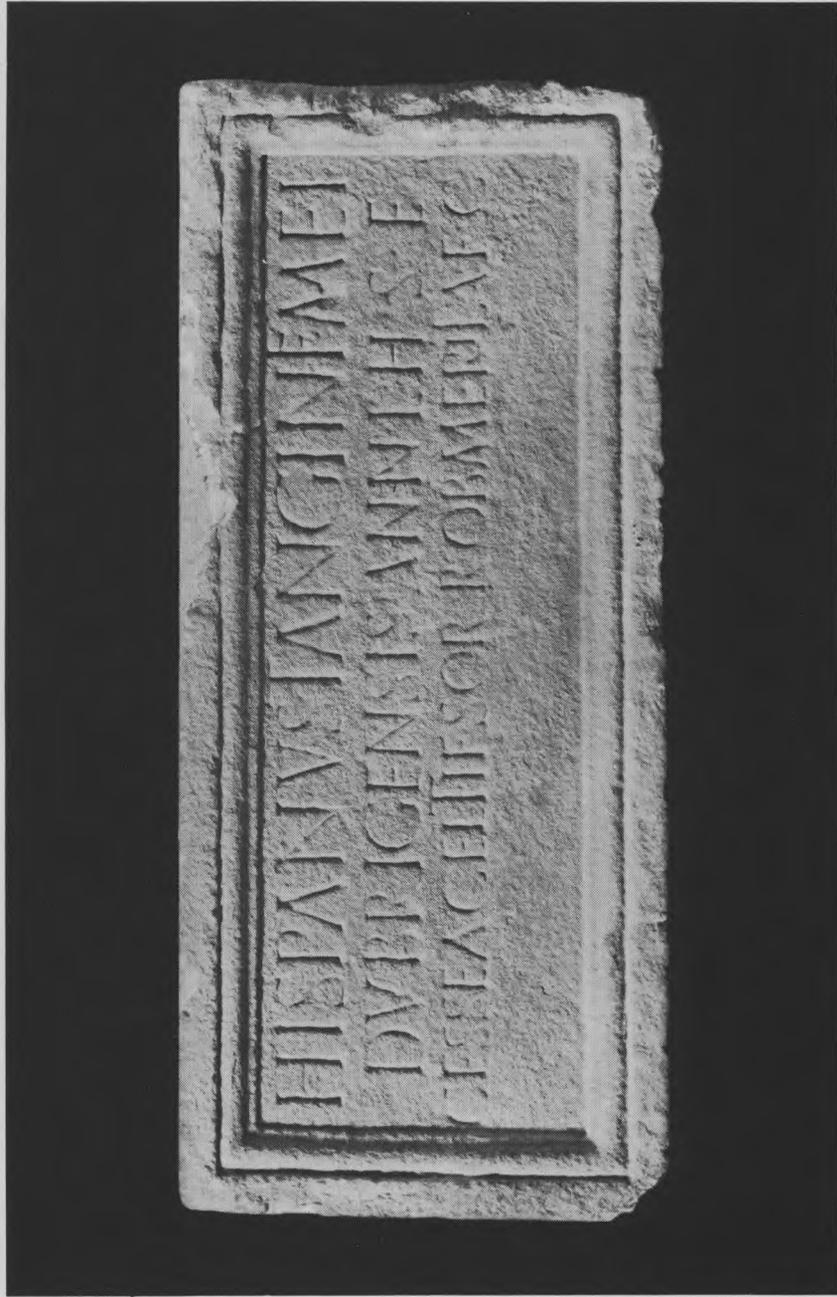
VIIA

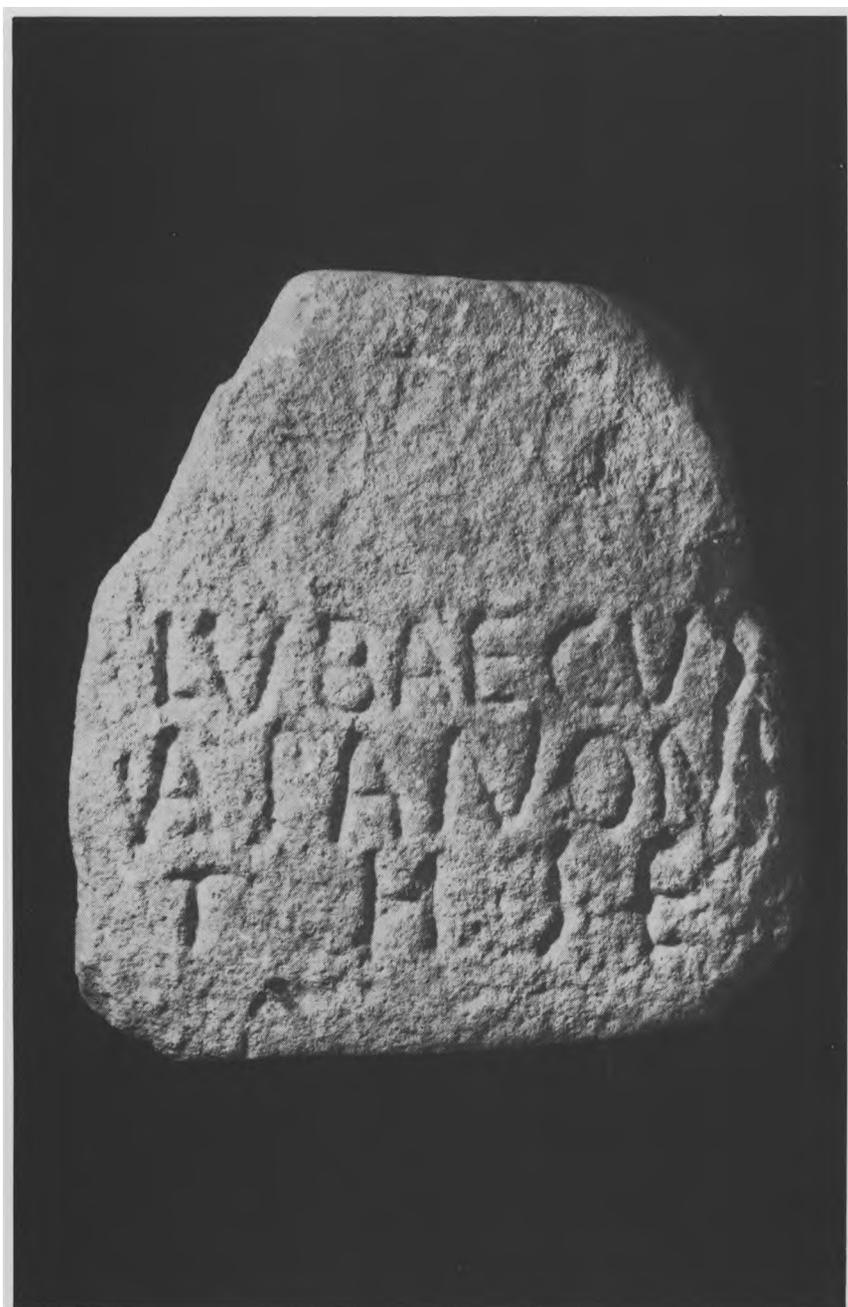


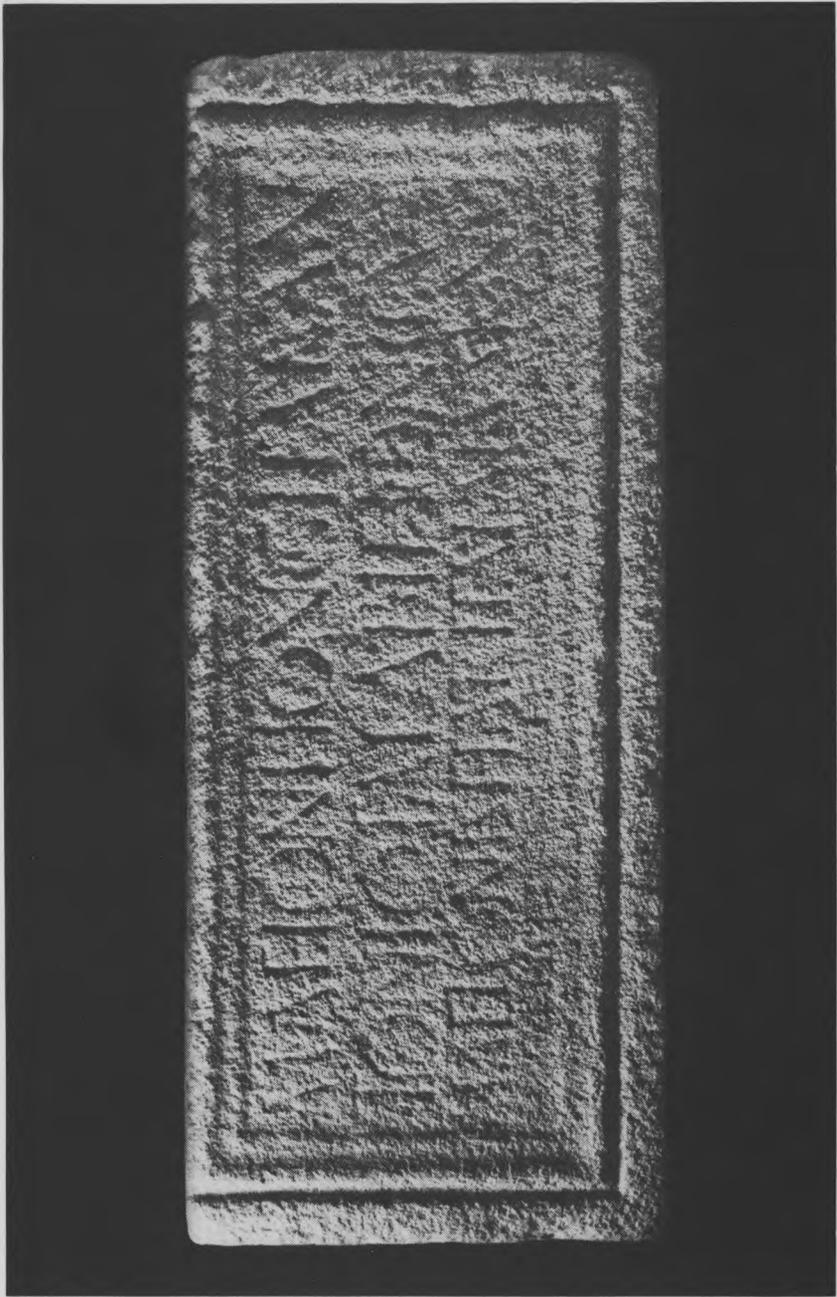


X



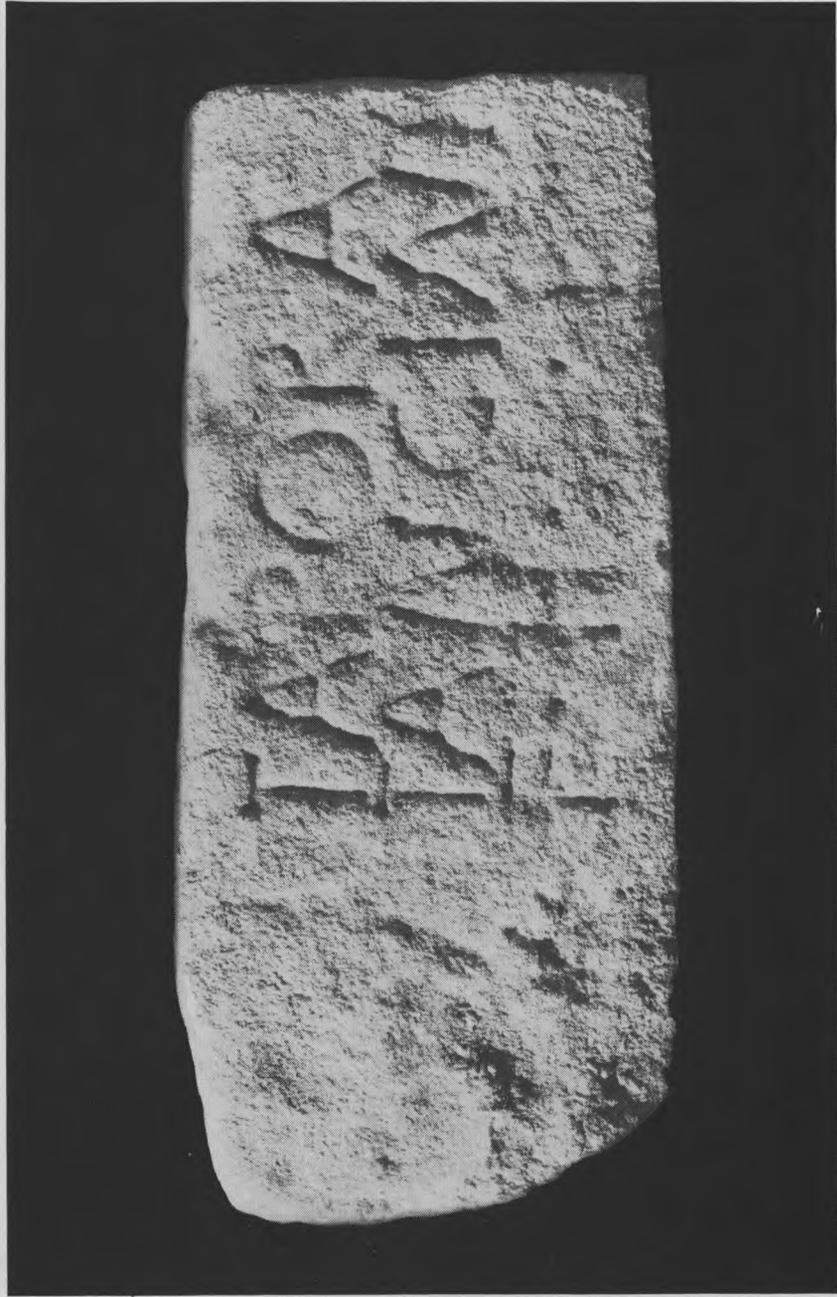


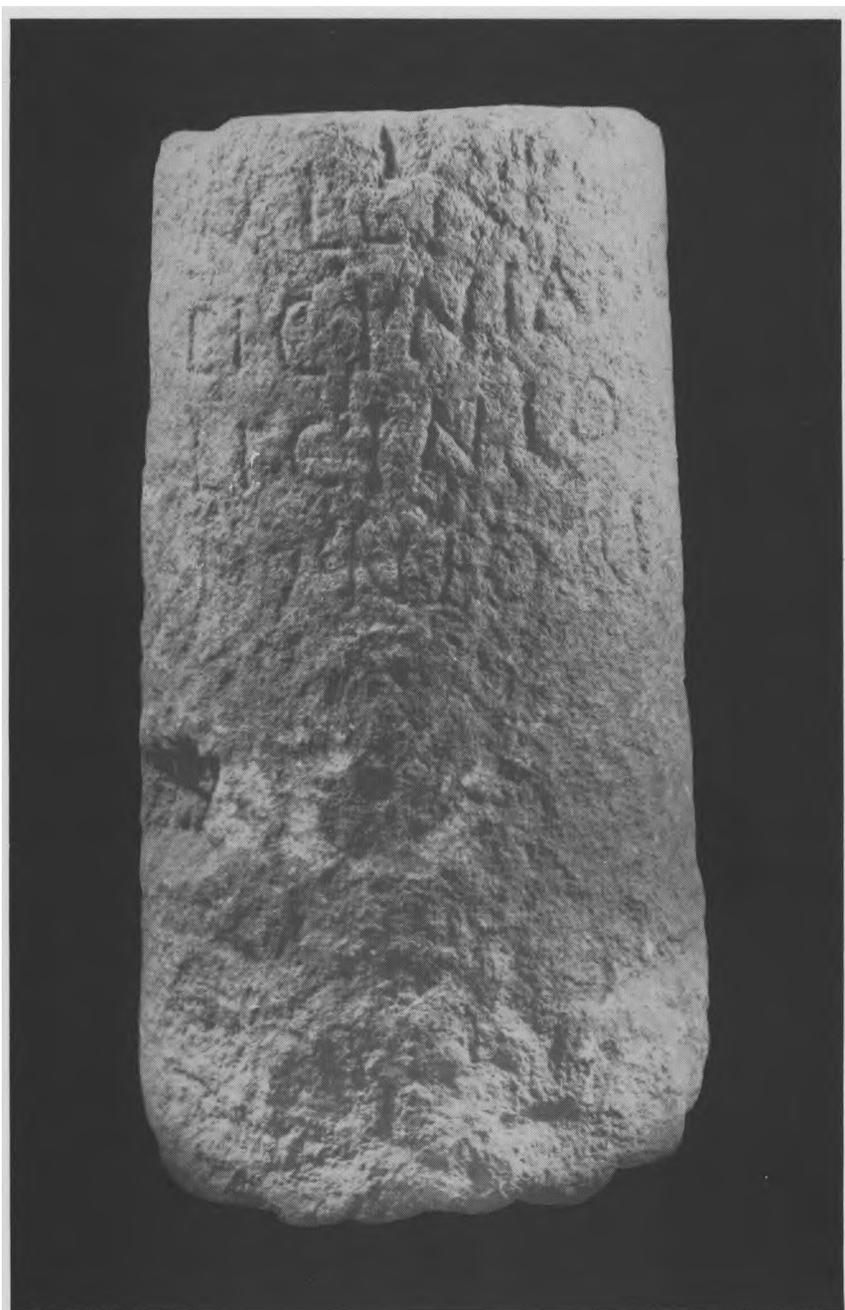




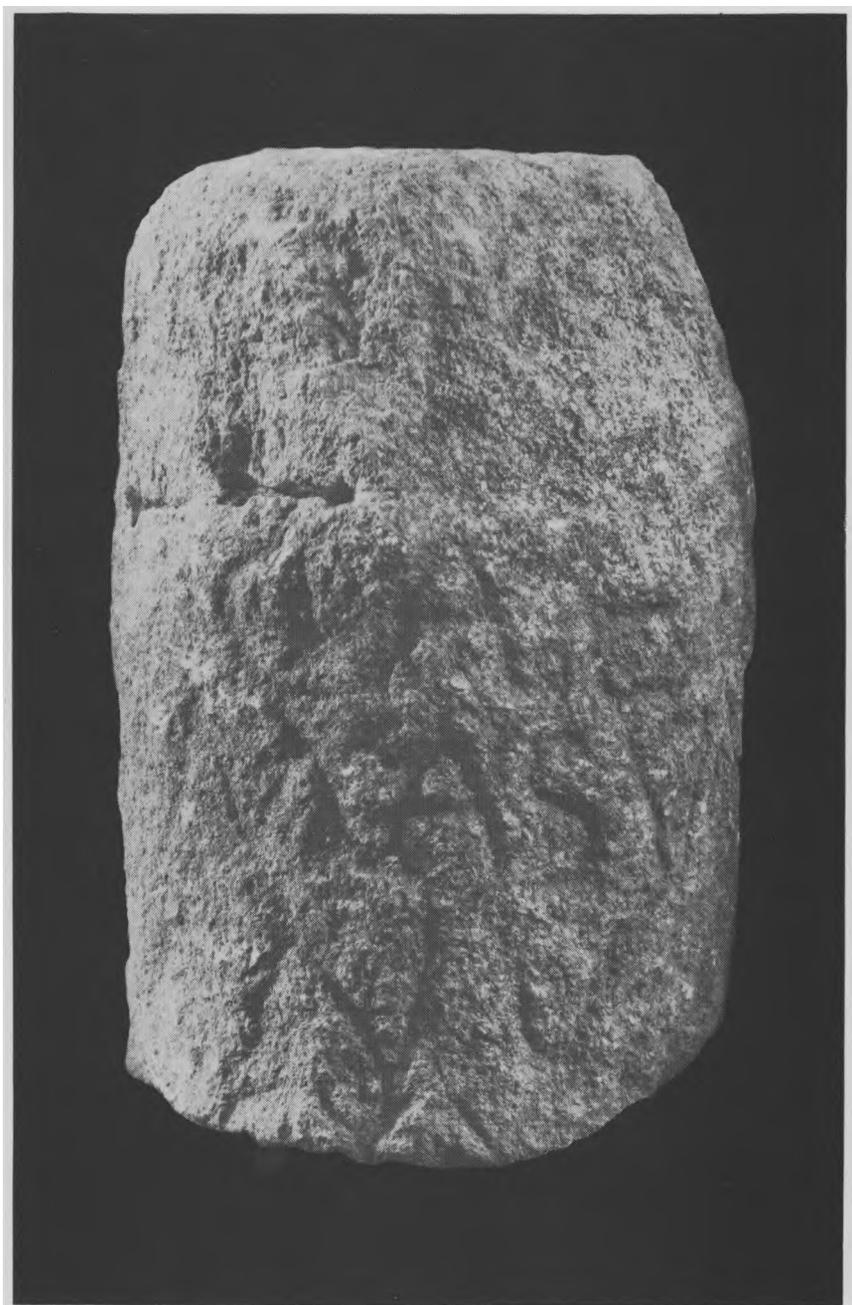
XIX



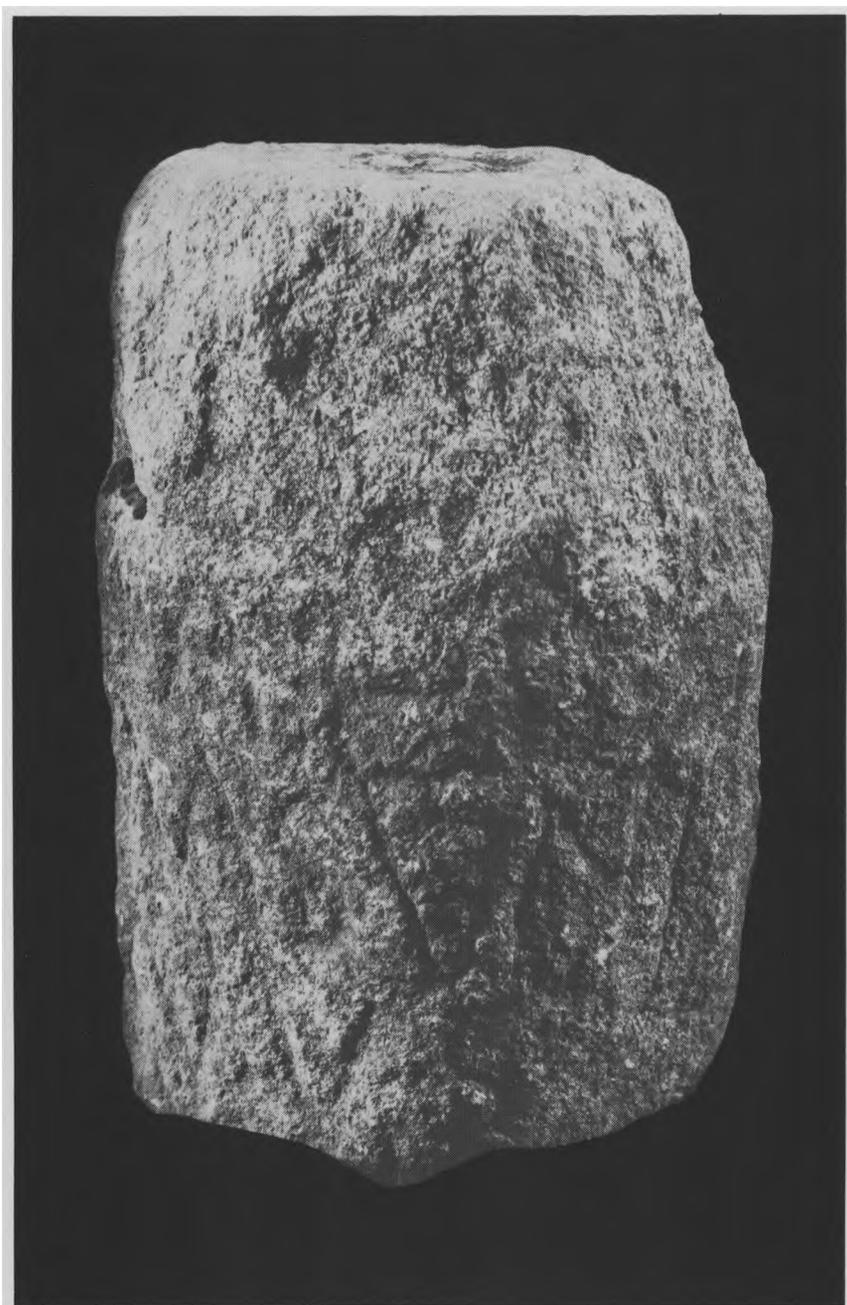




XVI



XVII



XVII

